

## Quinta-feira da Semana Santa

**“Derramou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos”** (Jo 13,5)

Jesus, durante sua vida pública, revelou uma grande liberdade ao transitar por diferentes **mesas**; mesas escandalosas que o faziam próximo dos pecadores, pobres e excluídos... Ele não só participou de muitas refeições, mas instituiu a grande **Mesa** da festa, da intimidade, da memória: a **“mesa do Lava-pés e da Última Ceia”**.

Ali, Ele *“despojou-se do manto”* (sinal de dignidade de “senhor”), pegou o **avental** (toalha, “ferramenta” do servo); *“derramou água numa bacia...”* (água derramada com extrema delicadeza, com atenção e amor); *“...e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha”* (Jesus inclinou-se aos pés dos seus discípulos, até o chão, com reverência, cuidado, acolhida, sem fazer distinção de ninguém; lavou os pés de todos igualmente).

Jesus está no meio das pessoas como Aquele que serve. Ele é o Senhor que assume, em tudo, a condição de servo, para servir. Troca o manto pela toalha-avental: este parece ser o distintivo fundamental, divisor de águas para seus seguidores. Não há serviço sem se despir de todas as aparências de poder, de força, de prestígio.

No “lava-pés”, Jesus deixa transparecer um amor que escandaliza, porque rompe todos os cânones estabelecidos. Um amor “subversivo”, porque subverte os critérios sociais e religiosos de seu tempo, desloca advérbios, adjetivos, nomes: acima-abaixo, dentro-fora, mais-menos, primeiros-últimos, poder-serviço, sábios-néscios, cegos-videntes, justos-pecadores, sãos-enfermos... Com sua atitude, Jesus subverte as crenças religiosas de seu tempo (centradas na lei) para reivindicar os atributos próprios de Deus em quem Ele acreditava; Ele deixa transparecer o rosto amoroso e cuidadoso do Pai.

Um amor inclusivo: não discrimina a ninguém, constitui uma comunidade de iguais, unindo em torno a si homens e mulheres, crianças e idosos...

Um amor universal e preferencial: todas as pessoas cabem em seu coração, mas de um modo especial as pessoas excluídas por qualquer razão: os pobres, os enfermos, os marginalizados, os considerados pecadores, judeus e pagãos...

Um amor que se faz estremecimento das entranhas e que gera uma atitude de compaixão operativa.

Um amor que, como a água pura, se “derrama” e se expande no cuidado simples, despojado, acolhedor...

Para revelar seu extremo amor, Jesus toma em suas mãos o elemento da natureza mais universal: a **água**. Ele **“derrama água numa bacia”**: gesto simples, mas carregado de significados; é símbolo de vida derramada, doada, entregue. A **água** dá vida, regenera, purifica, é disponível a todos; não vive para si mesma, senão para quantos dela necessitam; adapta-se a todos os tempos, recipientes e lugares. Sabe estar em jarras de barro e em vasilhas de ouro. Sabe manchar-se para que os outros estejam limpos. Não faz distinção das criaturas: a todas molha, lava, põe frescor e beleza.

A **água** é canção, alegria, paisagem, espelho de sonhos e poesia. Ela transforma, regenera e põe vida em toda a Criação. Ela abre os povos à comunicação, à cultura e ao encontro. Ela está sempre disponível e aberta a todos os campos, terra, plantas, animais e pessoas que dela precisam.

Na cultura hebraica, a hospitalidade exige que se ofereça **água** fresca ao visitante, para que lavem seus pés, a fim de assegurar a paz de seu descanso.

A **Campanha da Fraternidade** deste ano vem nos lembrar que no princípio eram as **águas**; águas que criam e re-criam o universo. Elas tomam as mais diferentes formas. Na natureza, contornam todos os obstáculos, esculpem as pedras dos rios e o fundo dos mares; elas se manifestam tranquilas nos lagos, rebeldes nas cachoeiras, abençoadas nas chuvas, sempre em movimento. *“A água nunca descobrirá o que ela é. Mas, precisamente por ser água, continuará a brotar, a cantar e a lavar a terra e a buscar o mar”*. Apesar de tomarem as mais variadas formas, nem perdem sua identidade, são sempre flexíveis, maleáveis, por vezes teimosas a percorrerem seus caminhos ao encontro do mar.

**Águas**, dádivas divinas. Águas que matam nossa sede e nos curam; águas que nos purificam e refrescam; águas que nos descansam e nos reanimam. Águas que envolvem e acolhem a todos sem distinção; águas sem preconceitos; águas que não se recusam em umedecer territórios ressequidos, nem se espalhar em lugares sujos.

Deus cria a partir das águas. Só podemos ser co-criadores a partir das águas. Quem não cuida, não respeita e não tem uma relação de veneração e de encantamento para com as águas, não pode ser criativo.

Urge recomeçar, re-criar a partir da água, antes que seja tarde demais. No princípio era a água, mas ela também poderá chegar ao fim. O clamor das águas contaminadas de nosso tempo chega aos céus.

Como profetizas, as **águas** consolam os cansados, saciam os sedentos, lavam os suados pelo trabalho, revigoram as forças dos desanimados, mas também as águas clamam por respeito e por justiça.

Os rios fervem o sangue de indignação contra cidades desgovernadas, empresas e pessoas poluidoras que tratam o “sangue da terra” como se fosse receptor de resíduos tóxicos. Ai de quem mata as nascentes, asfixia os mananciais e envenena os rios!

A trajetória do Povo de Deus foi marcada pela experiência com a **água**. Ela está relacionada com os principais eventos fundantes do povo da Bíblia: na criação, no dilúvio, na saída do Egito, na entrada da Terra Prometida, etc... Qualquer projeto bíblico só se sustenta perto de fontes de água, de rios ou cisternas.

Segundo o relato bíblico de **Gen. 2,1-10.15**, a terra é vocacionada para ser um **jardim** de Deus e o ser humano, um jardineiro. As águas foram feitas para irrigar o jardim da vida.

Para os povos de regiões áridas, a primeira obra de Deus foi viabilizar a chuva sobre a terra e irrigar uma região quase desértica.

A Bíblia testemunha um mistério em torno dos poços de água. *“Todo deserto contém um poço escondido”* (Saint-Exupéry). Em uma região árida, cada fonte, cada olho d’água, cada poço é quase um milagre. Toda fonte é sinal forte da benção divina, um presente de seu amor.

As fontes fazem parte da promessa de Deus para o seu povo (**Deut. 8,7-8**).

E a **Água** se fez “carne” e habitou em todas as criaturas do universo. Não somos apenas filhos e filhas da água. Somos mais: *somos água que sente, que canta, que pensa, que ama, que deseja, que cria...* Estamos vinculados à Criação toda através da **água**.

Devemos nos espelhar na gestualidade de Jesus que derrama água para lavar os pés de seus discípulos.

O desafio de viver uma “ecologia integral” convoca todas as tradições humanistas e religiosas a salvarem o planeta Terra. Se a água nos trouxe à vida, o dia que ela acaba não restará nenhum ser vivente. É através da água que é possível estabelecer uma profunda unidade entre todos os seres vivos e não vivos.

Pertencemos todos à água e ela nos pertence; ela é o sangue que circula pelas veias da Criação inteira, possibilitando e recriando a vida; é ela que alimenta a interdependência entre os seres. Assim como os minerais combinam e intercambiam moléculas e cores, a água é a mediação através da qual os seres vivos compartilham suas vidas.

*“Tal qual poça d’água deixemos o céu refletir em nós”* (D. Helder)

### **Texto bíblico: Jo 13,1-15**

**Na oração:** É preciso compreender que o gesto do “**lava-pés**” constitui um dos gestos mais expressivos da missão e da identidade d’aqueles que seguem Jesus e exercem algum **serviço** em sua comunidade.

Gesto que é revelação e ensinamento, amor e mandamento. É gesto-vida, gesto-horizonte, gesto-luz...

Na vivência do serviço evangélico, somos chamados a vestir o “**avental de Jesus**”: vestir o coração com o avental da simplicidade, da ternura acolhedora, da escuta comprometida, da presença atenciosa, do serviço gratuito...

**Lava-pés** não é teatro, mas modo habitual de proceder e de estar no mundo.